

## **A Fala Fragmentada de um Corpo em Fragmentos**

### **Relato e Reflexão Pedagógico-Psicanalítica a partir da Experiência na Oficina do Pão**

**Lodi Uptmoor Pauly**

#### **Introdução**

No dia 14 de dezembro de 1995 um editorial do jornal *Zero Hora* apresentou a opinião dos reitores das universidades federais gaúchas. Partindo de uma análise dos investimentos públicos no ensino universitário e sua relação com o fomento ao desenvolvimento, os reitores denunciaram uma provável falência das universidades e conclamaram as lideranças políticas para que compreendam “o papel estratégico da universidade para o seu (sc. do Rio Grande do Sul) desenvolvimento político, econômico e social”<sup>1</sup>. Conforme esta opinião, a educação é uma das condições que tornam possível a produção da riqueza e do progresso. No dia seguinte o mesmo jornal denunciou uma falcatura ocorrida no Colégio Pastor Dohms, mantido pela Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA). A escola pode também levar ao enriquecimento ilícito e corrupto<sup>2</sup>.

Associo estas duas notícias porque quero demonstrar a ineficácia de adjetivar a educação. Os adjetivos quase sempre exprimem um desejo: o desejo de uma educação que quer ser cristã e o desejo que quer ser público, reconhecido, aceito e legitimado pelo Outro. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) assessora cerca de 40 entidades que desenvolvem programas de educação e trabalho, semelhantes ao da Oficina do Pão da Paróquia São Marcos. Faz isso a partir de um compromisso firmado com o poder público municipal<sup>3</sup>. Cumpre uma tarefa pública, já que a UFRGS deseja ser — de direito e de fato — uma instituição pública. De outro lado, o Colégio Pastor Dohms sistematicamente recusou-se a apoiar o Fundo de Missão através do qual a CEPA pretendia manter pastorados deficitários e o trabalho assistencial<sup>4</sup>.

A prática catequética que venho experimentando desvela muitos dos adjetivos através dos quais qualificamos o mundo. Essa conflitividade, que se apresenta até nas páginas dos jornais, vai além das discussões acadêmicas e pastorais. É o contexto em que se deseja discutir a relação entre a educação dita e qualificada como cristã e o desejo que a psicanálise reconhece como sendo algo de que o

público é capaz, enquanto sujeito da sociedade, tanto no sentido passivo quanto no sentido ativo.

Neste ensaio sigo tanto a tradição cristã quanto a tradição psicanalítica: primeiro vem a experiência vivida, a fala que se faz junto com a vida; depois vem a sistematização do pensamento, a elaboração de uma teoria a partir de uma fala, de uma experiência que se faz fala, para que a fala possa fazer-se viva de novo.

## **1. A Questão do Desejo na Confessionalidade Luterana e na Psicanálise**

### **1.1. Um Pouco de Memória Pessoal**

Há mais de uma década venho me defrontando com crianças e adolescentes das quais se diz, e elas próprias dizem de si mesmas, serem incapazes de aprender, pessoas fracassadas no processo de escolarização. Durante 30 meses trabalhei na Clínica Freudiana de São Leopoldo, deparando-me constantemente com os mais diferentes discursos (de pais e de educadoras) sobre estas crianças trazidas para a Clínica a reboque do desejo de seus pais e educadoras. Quase sempre eram crianças alienadas de seus desejos de serem felizes.

Atualmente estou coordenando dois projetos sociais da Paróquia São Marcos: a Oficina do Pão e o grupo de jovens portadores de deficiência no Morro da Cruz. Neste último projeto, reúnem-se adolescentes e jovens que foram condenados por um parecer médico-burocrático que, já na primeira infância, decretou-lhes a morte como sujeitos. Alguns destes jovens escaparam do médico, mas caíram nas armadilhas do parecer da temida orientação pedagógica. A sentença condenatória anunciava que esses seres eram incapazes de aprendizado e assim ficaram à margem do sistema de alfabetização<sup>5</sup>. Essa concepção burocrático-excludente das ciências médicas, psiquiátricas e pedagógicas revela um reverso muito interessante: os excluídos como sujeitos capazes. É a leitura que faz o professor do Projeto Axé, Marco Antonio Cândido Carvalho, quando destaca a exclusão dos meninos e meninas de rua da escola. Diz ele: “As escolas não funcionam adequadamente, satisfatoriamente. Um dos sinais de saúde mental dessa meninada é a evasão da escola.”<sup>6</sup>

Se é assim — os pobres saudáveis abandonam a escola — não é mais adequado considerar a escola, nestes casos específicos, um sistema burocrático-estatal de *alfabe(s)tização*? Mesmo que eu não tenha sido excluída da escola, mesmo que tenha sido uma das escolhidas para ir bem na escola, essa exclusão me afeta pessoalmente. Aprendi a reconhecer algumas dessas pessoas pelo seu nome, seu rosto e seus desejos. No caso das mães do Morro da Cruz é triste ver como elas tentam aliviar sua culpa, justificando-se com a desculpa de que não

estimularam seus filhos portadores de deficiência porque os médicos e pedagogos decidiram: “Infelizmente essa criança é portadora de uma doença”, de uma “coisa” que a mãe não lembra o nome. Por causa dessa “doença” a criança nunca iria caminhar, falar, estudar... Não adiantaria fazer nada. Só rezar. A mãe e o pai, servilmente, acataram esta condenação. Restou-lhes apenas o enorme esforço de consolar-se minorando o sofrimento do pobre “apenado” pelo tribunal médico ou pedagógico.

Os adolescentes que frequentam a Oficina do Pão são muito insistentes em permanecer na escola apesar do esforço institucional para excluí-los. Eles teimam, até ao absurdo, em permanecer na escola: muitos estão repetindo pela quarta vez a primeira série. Um dos melhores companheiros da Oficina está repetindo a primeira série pela oitava vez! Os garotos sonham em ser digitador, dono de armazém, de padaria, *office-boy*, brigadiano. Tem até quem se arrisque a sonhar em ser gerente de banco. Outro quer ser juiz, talvez para entrar num tribunal com mais dignidade<sup>7</sup>. Todos sonham em ser “alguma coisa na vida”. Na absurda situação humana em que vivem, virar “coisa” representa uma grande melhora.

## 1.2. O Desejo

A expressão “desejo” se tornou um novo modismo acadêmico. Neste ensaio “desejo” tem o sentido de “sujeito”. Deseja quem se sujeita às limitações da existência humana e aos limites da língua convencional, portanto, deseja quem desejar tornar-se humano. Quem deseja é humano e ser humano é ser capaz do desejo. O desejo define-se a si mesmo. É uma tautologia, daquelas que definem o indefinível: o ser humano como ser de desejo e o ser de desejo como o humano. A pedagogia desenvolvida na cidade de Salvador, na Bahia, pelo Grupo Axé<sup>8</sup>, com meninos e meninas de rua, levou Cesare de Florio La Rocca, seu coordenador desde 1990, a defender sua proposta de uma pedagogia do desejo:

Que tipo de pedagogia é esta que nós estamos construindo? No dia-a-dia esse projeto deve ter o que as minhas companheiras de trabalho chamam de pedagogia do desejo. Muito mais que o interesse, muito mais que a vontade, o desejo tem essa força, essa capacidade de integrar emoções, sonhos, a mente e o corpo do indivíduo.<sup>9</sup>

Se falamos em pedagogia do desejo queremos aprender mais sobre o desejo, ou para discipliná-lo e manipulá-lo, ou para centrar o ato pedagógico no sujeito desejante, construindo o saber a partir daí. Desejo é como um nó dialético que faz o corpo enlaçar-se com a mente e vice-versa. Trata-se de nó em um único barbante. Não se trata do nó que une pedaços diferentes de cordão. O desejo é como o nó do cordão do sapato: ele se amarra a si mesmo, e nesse amarrar-se, prende-se ao outro, o sapato. Assim, o nó define a relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo que passa pelo seu corpo e mente de forma dialética.

Não há mundo sem consciência, como não há consciência sem mundo. Outra forma

de expressar isso é através da dialeticidade entre subjetividade e objetividade, que, se rompida, acaba originando ou o idealismo ou o mecanicismo. A historicidade do ato de conhecimento significa que a cada momento se busque clareza acerca das limitações e das possibilidades (...).<sup>10</sup>

### *1.2.1. O Desejo na Tradição Bíblica*

A escuta do desejo do oprimido e do pobre faz parte da tradição teológica. Um exemplo são os livros sapienciais (Salmos, Provérbios, Jó). Essa tradição literária nasce muito mais da experiência e do conhecimento oportunizado às pessoas pela vida do que de uma revelação de fora, estranha ao dia-a-dia comum e rotineiro. Parte considerável dessa tradição entende que a revelação divina vem depois que Deus escuta o desejo do povo e, portanto, depois que o povo articula em fala os seus desejos. A oração cristã se estrutura e se justifica a partir desse pressuposto. “Oro para que Deus me ouça, e nas falas de minha oração falo do que desejo, porque é isso que Deus ouve.”<sup>11</sup> A tradição cristã reconhece que o desejo é fruto da experiência subjetiva de cada sujeito: o “desejo que se cumpre agrada a alma”<sup>12</sup>. A ação de Deus, para quem alimenta seu desejo de fé nesta tradição, é posterior ao desejo!

Tens ouvido, Senhor, o desejo dos humildes;  
tu lhes fortalecerás o coração  
e lhes acudirás,  
para fazeres justiça ao órfão  
e ao oprimido,  
a fim de que o homem, que é da terra,  
já não infunda terror.<sup>13</sup>

Avançando um pouco além da Bíblia e questionando a confessionalidade luterana: o que representa a dimensão do desejo para Lutero? Entendo, conforme o estudo de Pauly<sup>14</sup>, que o confronto das várias concepções antropológicas de Lutero com as de Freud produz uma possibilidade de pensar criativamente sobre o sujeito e o seu desejo. Seguindo a suspeita levantada por este pastor, Lutero não seria simplesmente um racionalista, ao contrário, seria um defensor da subjetividade. É o que se depreende da citação abaixo:

“Ouvireis com os ouvidos e não entendereis; vereis com os olhos e não vereis”. O que é isso senão que o livre-arbítrio ou o coração humano é oprimido pela potência de Satanás de tal maneira que, a menos que o Espírito de Deus o desperte maravilhosamente, por si mesmo não pode ver nem ouvir as coisas que saltam de modo manifesto aos próprios olhos e ouvidos, de forma que podem ser apalpadadas com as mãos? Tão grande é a miséria e cegueira do gênero humano!<sup>15</sup>

Lutero aparenta racionalizar a fé: ela seria algo que se poderia ver, apalpar. A fé seria quase um objeto. Ao mesmo tempo, no entanto, Lutero irracionaliza a

fé: não há possibilidade de fazê-la passar pelos sentidos racionais, sendo, portanto, possível libertar a educação do controle irracional da fé<sup>16</sup>! O que significa esta sua antropologia? Ouvir e não ouvir, ver e não ver, essa lógica contradiz o princípio lógico-filosófico da não-contradição. Ver e não ver não é lógico, nem racional, mas é o ser do sujeito. O ser do sujeito é dominado pelo Diabo ou por Deus, na linguagem mitológica de Lutero. Na mitologia da psicanálise: o sujeito vive do confronto permanente entre a “pulsão de morte” e a “pulsão de vida”. Só tem sido possível expressar essa realidade do sujeito com a linguagem mítica. Outra não é possível, pois a racionalidade não pode esclarecer essa dimensão do sujeito exatamente porque aqui está a falta que dá origem à razão. A racionalidade só é possível, conforme as antropologias de Freud e de Lutero, como ato segundo, nascido do desejo que brota desta disputa entre Deus e o Diabo, entre *tanatos* e *eros*, entre as pulsões de vida e de morte. Essa dialética tem significação pedagógica<sup>17</sup> porque coloca a vida na disputa.

Nisto consistem toda a miséria e toda a maravilha do gênero humano: a beleza maravilhosa da vitória de *eros*, Deus, a pulsão de vida que se impõe ao sujeito (o “coração humano” de Lutero ou o “desejo” de Freud); ou a miséria escandalosa da vitória de *tanatos*, Diabo ou pulsão de morte. Concluo que o reconhecimento do sujeito como ser de desejo é uma afirmação ao mesmo tempo pertinente à teologia luterana e ao esforço científico da psicanálise, dado que o limite da racionalização está no surgimento misterioso e irracional do próprio sujeito. Portanto, o desejo é a condição da própria racionalidade humana, tal como a imaginam a teologia luterana, a concepção freudiana e a incipiente pedagogia de rua.

### 1.2.2. O Desejo do Pobre na Tradição Psicanalítica

O que acontece com o ser humano marginalizado que, ao mesmo tempo, tanto investe em sua liberdade para acabar escravizando-se a si mesmo? Este é o caso de muitos garotos e garotas das vilas que são criativos nos *raps*, nos pagodes, nas roupas, mas na escola não conseguem aprender! Como é o caso dos garotos espertos que conseguem fugir da polícia com o videocassete roubado para trocá-lo por algumas bisnagas de loló e, ao cheirar, dopam a sua própria esperteza. Se essa gente marginalizada busca com tanta garra a felicidade, por que fracassa em ser feliz? Que desejos são esses? De quem são tais desejos?

Na literatura acadêmica há uma boa produção *sobre* esse assunto. Há pouco registro sistemático de falas das pessoas marginalizadas, quase nada se registra desses sujeitos desejan<sup>18</sup>. Eles não pagam analistas famosos e são poucos os psicanalistas que, por orientação política, clínica, teórica, escutam os pobres. Na Oficina do Pão tenho tentado registrar a riqueza das falas das pessoas pobres. A psicanálise, tentando dar-se conta destas questões, apresenta diferentes abordagens e concepções teóricas distintas. É o que pretendo desenvolver aqui, partindo do pressuposto — nunca colocado em questão por psicanalistas — de que a psicaná-

lise se propõe a *uma* escuta. No entanto, em sua escuta, a psicanálise desnuda vozes que não são vozes. No seu ouvir psicanalítico, há uma instigação para que a fala se articule. Nesse sentido a psicanálise também é uma escuta que denuncia, que articula uma denúncia:

A descoberta de Freud revolucionou as concepções de sujeito, saber e desejo, o homem não sustenta seu lugar racional, ele tropeça, sintomatiza, falha, está assujeitado ao inconsciente e apenas assim se constitui sujeito. O mito do conhecimento produzido e adquirido linearmente, e a partir da estaca zero, foi simplesmente derrubado (...).<sup>19</sup>

É na falta que se instaura o desejo<sup>20</sup>. O desejo da racionalidade está no sujeito que sente falta da razão.

### *1.2.3. A Dimensão Social do Desejo: o Outro*

Se é assim, se o sujeito humano deseja atingir a razão, então por que o fracasso escolar? Por que sujeitos de desejo, com os quais me confronto na prática da Oficina do Pão, fracassam na educação?

(...) precisamos, primeiramente, levar em conta que na educação se trata da transmissão de uma escritura. Uma escritura que tenta reproduzir tal e qual ela foi estabelecida. E, nessa tentativa, é fácil verificá-lo, não há outro resultado senão o constante fracasso.<sup>21</sup>

O psicanalista pretende ser um especialista em saber escutar esse momento inevitável da falha, porque através da fala o sujeito diz mais do que pretende dizer. Há um saber a mais que lhe escapa. Ao psicanalista interessa o momento em que o sujeito interrompe a sua fala, quando sua intenção falha, já que é nesse momento que se manifesta o inconsciente através dos sintomas. Portanto, a noção do desejo que estou utilizando aqui é aquele que a psicanálise desvende:

(...) o desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. A psicanálise mostrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas sob a forma de compromisso.<sup>22</sup>

Os sintomas com os quais me defronto são sociais: a evasão e o fracasso escolar, a renda baixa, a desnutrição. Esses sintomas sociais, no entanto, comprometem a vida de sujeitos com rosto e nome. Esta relação entre pessoa e sociedade merece uma abordagem analítica muito vasta. No caso específico da abordagem da psicanálise ela é feita pelo desejo, pois a

necessidade visa um objecto específico e satisfaz-se com ele. A exigência é formada e dirige-se a outrem; embora incida ainda sobre um objecto, este não é para ela essencial, pois a exigência articulada é no fundo uma exigência de amor.

O desejo nasce do afastamento entre a necessidade e a exigência; é irredutível à

necessidade, porque não é fundamentalmente relação com um objecto real, independente do indivíduo, mas com o fantasma (fantasia); é irredutível à exigência na medida em que procura impor-se sem ter em conta a linguagem nem o inconsciente do outro, e exige ser reconhecido em absoluto por ele.<sup>23</sup>

A relação entre indivíduo e sociedade não é uma charadinha do tipo: “o que vem primeiro, o ovo ou a galinha?” Não existe sociedade sem indivíduo, nem indivíduo (pelo menos enquanto desejante) sem sociedade, sem algo aí fora que lhe seja outro. O desejo que define o sujeito o define só como sujeito ao qual falta. Aquilo que falta ao sujeito, isto a sociedade promete lhe dar através de algum outro sujeito ou grupo de sujeitos. É assim que se estabelecem os relacionamentos amorosos, baseados na promessa da correspondência do amor que um demanda do outro. É assim que se reproduz a prole, no desejo de que os filhos prolonguem a vida dos progenitores. A partir da família se estruturam o grupo social, a classe, a vizinhança, a cidadania... O desejo necessariamente requer a dimensão social, pois é pelo social que se instaura a falta e, portanto, a linguagem para expressar essa ausência do objeto denunciada pelo desejo. É o outro que faz o sujeito sentir-se na incompletude e na necessária falta. Aí é que ele fala e se insere na cultura de sua sociedade. Nesse mesmo sentido penso que estão se direcionando as propostas da educação popular, em especial, a pedagogia de Paulo Freire:

(...) a importância da linguagem no processo educativo. (...) a questão da linguagem é fundamental para Freire, uma vez que através dela é introjetada a dominação e através dela também se pode aprender a “dizer” o mundo de forma diferente.<sup>24</sup>

## 2. Novo Contexto e Paradigma para a Educação Cristã

Meu trabalho no projeto social da Paróquia São Marcos é uma tentativa de produzir uma psicologia e uma pastoral mais pertinentes à realidade do abandono em que se encontram as crianças e jovens empobrecidos dos centros urbanos. A Oficina do Pão é uma espécie de estranho laboratório psicológico. Não possui nenhum labirinto para treinar, à la Skinner, ratinhos brancos. É um laboratório de sujeitos que fazem uma mistura de apoio psicológico com farinha de trigo, com algumas pitadas de *marketing* e higiene pessoal a gosto, algumas pinceladas de dignidade com medidas de receita... A presença de senhoras da comunidade junto ao grupo de adolescentes está animando e alegrando a igreja durante os dias da semana. Para a Paróquia, a Oficina propicia uma simbologia religiosa inusitada: as pessoas ficam sabendo que a mesa/altar onde se celebra a santa ceia foi antes utilizada para amassar o pão da Oficina.

Opto por apresentar falas de pessoas pobres. A primeira é a fala da mãe de Alex, um dos alunos da Oficina do Pão. Do ponto de vista da educação cristã importa produzir com esses sujeitos um novo conhecimento que, por advir da fé, torna-se uma prática política de “transferência” da submissão: libertação da sub-

missão a outras pessoas (iguais), para a submissão a Deus (o absolutamente outro, como diz Lutero). A educação cristã precisa ser fiel à tradição libertária da Bíblia. Reconhece nesta tradição o sujeito como aquela pessoa livre para enfrentar a disputa entre *eros* e *tanatos*, Deus e o Diabo, dentro de si mesmo. A opção que se reconhece, na educação cristã, está na construção de um movimento do sujeito que se liberta da submissão a um outro, para construir sua submissão aos seus próprios desejos. É para isso que serve ouvir a voz do povo ou, como se diz em psicanálise, vem daí a necessidade da escuta do sujeito.

Essa escuta acontece no contexto político de desconstrução e reconstrução da história<sup>25</sup> de cada um, enquanto pessoas envolvidas com o projeto da Oficina do Pão. Há, no entanto, muitas dificuldades lógicas nessa construção, reconstrução e desconstrução. A recuperação da história desse grupo de sujeitos, necessariamente, deveria passar pela recuperação da fala dessas pessoas. A dimensão cristã presente neste projeto tem a pretensão de despertar e animar a fala dessas pessoas. Ao tentá-lo, no entanto, depara-se com uma imagem inconsciente do corpo, imagem que o sujeito mantém por não suportar o seu corpo no discurso. O corpo do sujeito não foi submetido à fala desse sujeito que, por isso, não sujeitou seu corpo e não tornou-se possuidor deste mesmo corpo desejante, sendo, portanto, possuído pelo corpo. Não há um corpo humano por detrás da fala desses sujeitos. Na tentativa de encontrar esse corpo por detrás da fala do sujeito, nos confrontamos com o que a psicanalista Françoise Dolto teoriza como imagem inconsciente do corpo. O sujeito alimenta uma imagem fragmentada do corpo, da mesma forma que a fala fragmentada, silenciada, o dilacera. Há um corpo em falta aí, por isso a fala dessas pessoas apenas se repetia insistentemente<sup>26</sup>.

A recuperação dessas falas exige a elaboração de uma concepção teórico-clínica fundamental: a imagem inconsciente do corpo. A mãe de Alex referia-se a ele sempre como “mais uma boca para comer”. O corpo reduzia-se a esta imagem carregada de opressão: a fome. Sempre que o grupo ou eu conseguíamos motivar alguém para falar sobre sua vida, acabávamos falando de saúde. “Olha, se a gente tem saúde, tá tudo bem, graças a Deus.” Logo depois disso, invariavelmente, falavam de trabalhar. “Se a gente tá bem de saúde, pode trabalhar. A gente pode se virar.” A saúde não se referia a um bem-estar do corpo que, por ser um todo orgânico, é capaz de propiciar prazer e felicidade ao sujeito. Tratava-se de um outro corpo, não pertencente ao sujeito, mas no qual o sujeito estava preso. Seus corpos eram como que alheios à sujeição do sujeito. Era, no discurso dos alunos, um corpo disponível para a venda, disponível para ser comprado no mercado de trabalho. Neste caso é preciso considerar que as conversas aconteciam num lugar marcado pelo trabalho: a Oficina.

A fome é uma experiência quase permanente na vida desses adolescentes. A ausência de comida, no entanto, acarreta uma ausência de consciência histórica gerada pela ausência da fala, pela ignorância psíquica do corpo, pela ausência deliberada (pela classe dominante) da consciência cidadã. No entanto, é mera



coincidência biológica que a boca seja o instrumento de entrada da comida e de saída da fala. Necessariamente a fome não precisa produzir o emudecimento da fala, pelo contrário: a fome deveria despertar também a necessidade de usar a boca para a expressão do desejo, tal como faz o bebê.

Como será possível, então, a construção/deconstrução da história para o sujeito que vive a fragmentação de seu corpo propiciada pela presença da fome e pela ausência da fala? É preciso reconstituir a imagem do corpo para que se reconstitua a história desses e nesses sujeitos. Quando fazíamos uma intervenção no sentido de resgatar a história, o que se nos apresentava era um corpo fragmentado: “Quando viemos para cá, a gente veio com uma mão na frente e outra atrás. Aí o ... (referindo-se ao marido) ficou doente.” “Olha, o começo da vila foi difícil. Ele (sc. o marido) teve um acidente na firma. Nunca mais se endireitou.” “A gente tinha muitos filhos pequenos. Muitas bocas na mesa. Graças a Deus, nem ele nem eu (referindo-se ao casal) ficou doente e a gente trabalhou demais. Eu tenho um problema na bexiga de tanto levantar peso.” “A gente veio para cá porque o menino ficou doente. Lá fora não tinha recurso.”

O tempo parece sempre determinado pelo corpo. Ou seja, o corpo estaria são ou não em relação ao trabalho. O corpo seria sempre ou uma boca a ser alimentada, ou braços para o trabalho. Não por acaso a economia inventou um termo técnico para a classe trabalhadora: mão-de-obra. Nesse sentido o corpo do trabalhador é fragmentado: ele não possui um corpo orgânico e integrado, mas é mão que se vende para alguém que deseja dela se utilizar.

Logo no início da inserção de Alex no trabalho da Oficina do Pão ouvimos a queixa das educadoras do Centro de Comunidade a seu respeito. Dizia-se que era um adolescente intratável. Atrapalhava as atividades pedagógicas. Relacionava-se de forma violenta com as outras pessoas. Sua aparência confirmava esse discurso. Era muito magro e tinha os dentes escurecidos e cariados. Roupas novas mas muito sujas, asseio corporal praticamente inexistente. Manifestava uma fome crônica.

A mãe de Alex definia-o como “uma boca a mais na mesa”. Esta frase é marcante e carregada de sentido. No entanto, reduzir o corpo do adolescente a uma boca é, para educadores cristãos, um pecado contra Deus<sup>27</sup>. Do ponto de vista psicanalítico não se trata apenas de uma transferência do parcial para o total. Esta forma de tratar o corpo de um filho é uma arbitrariedade social e econômica no sentido de exigir que uma cidadã e mãe tenha em relação ao seu filho esta única preocupação: alimentá-lo. A economia produz um exército de reserva de mão-de-obra que, na infância, é boca e, caso sobreviva, no futuro será mão. Este é um dado sócio-político externo ao sujeito.

Tal determinação afeta o sujeito, mas afeta-o de fora. No entanto, o sujeito internaliza essa opressão. Internalizando-a, não irá reconhecer-se como corpo orgânico, i. é, como capaz do desejo, capaz da fala, portanto, capaz de identificar

sua história e reconhecer a opressão da qual é vítima. Esse conhecer de novo, esse reconhecer, é um ato pedagógico. Ao mesmo tempo é uma das condições para que o sujeito se capacite, enquanto classe, para lutar por seus direitos e desejos no campo e no espaço do social e da política.

A política, mesmo sendo a elaboração mais relevante do sujeito inserido na sociedade, é assumida em amplos setores populares de forma fragmentada, p. ex., quando apóiam candidatos de partidos conservadores e/ou populistas. Muitos líderes populares mantêm essa prática, como uma forma rápida de estabelecer aquilo que chamam de “boquinha”. “A gente precisa arrumar uma boquinha na política, arrumando votos para fulano.” A política passa também por uma literal oralidade. A política populista e clientelista não se refere a uma totalidade social orgânica, mas a uma parcialidade que se reduz a tentar devorar o que for possível quando da conquista da “boquinha”. Esta maneira de realizar política permite o surgimento de políticos profissionais que estabelecem seus currais eleitorais, de forma clientelista e paternalista.

O imaginário popular, ao fazer do corpo “boca”, produz uma imagem inconsciente do corpo que se constitui através da arbitrariedade que transforma o parcial numa totalidade<sup>28</sup>. Essa totalização precisa ser desconstruída, para que alguma nova imagem possa ir se construindo de forma mais consciente. Se sou boca, tenho apenas o desejo de alimentar-me. Conseguindo alimentar-me, estou plenamente realizado. Todas as minhas relações enquanto sujeito são intermediadas por esse devorar interminável. Enquanto os adolescentes da Oficina do Pão representarem seus corpos desta forma, a idéia de corpo totalizado lhes escapará, porque não será possível pensar um conjunto de elementos distintos — cabeça, tronco e membros — que passam a compor um todo.

Um dos sintomas que evidenciam a teoria do corpo fragmentado é a forma como esses adolescentes tratam de seus corpos. Estão sempre cobertos de feridas e lesões. É evidente que as condições de alimentação e higiene sanitária o favorecem, mas eles também provocam esses ferimentos de forma sistemática, mesmo que inconsciente. Utilizam, entre si e contra si mesmos, algumas armas (dois bastões ligados por uma corrente, facas, porretes...) que provocam ferimentos. Para a psicanálise esta é a forma que esses adolescentes encontraram para se relacionarem com seus corpos e com os corpos de seus iguais. A mediação desse relacionamento é a agressividade. Essas feridas e cicatrizes que se apresentam em seus corpos poderiam se transformar em marcas de suas falas. A nossa escuta deveria procurar desvelar o adormecimento da potencialidade para simbolizar a imagem do corpo. A falta de palavras verdadeiras ditas sobre o que foi sentido desvirtua essa potencialidade de simbolização. Esta fragmentação permanente do corpo é um estado permanente de regressão. Conforme Dolto,

o sujeito pode, por um prazo mais ou menos longo, viver de uma fantasia de uma satisfação arcaica, enquanto sua vitalidade real, no esquema corporal, esgota suas

forças (...). No caso de não satisfação, de não adequação de nenhum objeto ao desejo, nesse caso há regressão.<sup>29</sup>

O jogo de futebol revela também esse sintoma do corpo fragmentado. Eles adoram “bater uma peladinha”, quase sempre ficam chutando uma bola dentro da igreja. É óbvio que o futebol incentiva a corporeidade, a coordenação motora, a solidariedade coletiva e a disputa. Os adolescentes obtêm um grande prazer nessa brincadeira, mas — talvez por isso — quase sempre só finalizam o jogo quando alguém se machuca ou através de uma discussão ferrenha sobre algum lance do jogo. Machucar o corpo quando no exercício do prazer corporal desvela sentimento de culpa. No futebol há uma protagonista nua (“a peladinha”): a bola, que mais apanha e pela qual disputam os homens. Ao se lançarem nesta disputa, não estariam, novamente, de forma fragmentada, castigando o corpo inteiro e capaz do prazer?

A representação fragmentada do corpo é constituída pela arbitrariedade<sup>30</sup> que impinge ao sujeito um corpo parcial, um corpo impotente para o seu próprio gozo. O gozo que o jogo possibilita pelo prazer de exercitar-se, pelo prazer de lutar de forma coletiva e unida pela vitória, pelo prazer de arriscar-se ao sofrimento da derrota que possibilita desejar a vitória, só pode explicitar-se pela punição das muitas feridas. Feridas causadas mais pela impotência da fala do que pelas “caneladas”.

Esses adolescentes aprenderam, ao longo de suas existências, que suas vidas não podem ser vividas com a totalidade de seus corpos. Elas estão (e não são) impotentes para o prazer, para o exercício prazeroso com o corpo, enfim, para o que se constitui amor. Se seus corpos são fragmentados, seu uso é dolorido. Seu prazer é parcial. Se seus corpos representam, pela parcialidade boca, o prazer da comida servida hoje, representam também a angústia de não ter comida amanhã, ou a lembrança terrível da fome de ontem. Se a satisfação da alimentação existe, é porque antes houve a dor muito profunda da fome. Este prazer parcial, estas parcialidades afetivas servem como ponto de partida para o trabalho da Oficina, que pretende, pedagogicamente, construir das parcialidades uma integralidade provisória do afeto. Tentamos construir essa proposta de trabalho e de afeto entre os adolescentes, deles entre si e deles com os outros, com os paroquianos<sup>31</sup>.

Esse aprendizado é uma construção cultural. É uma construção advinda da arbitrariedade social. As histórias desses adolescentes são uma sucessão de arbitrariedades sociais. Desde o desejo dos pais que geraram tal adolescente essa construção cultural é ambivalente. O desejo dos pais pela criança foi marcado pela alegria de gerar uma vida e, ao mesmo tempo, pela angústia de não possuir os meios econômicos para mantê-la. A amamentação aconteceu ao peito de uma mãe angustiada, se é que esta mãe pôde amamentar. Na socialização familiar, houve irmãos disputando o pouco de alimento, um pai pressionado pelo salário aviltante, caso ainda estivesse presente. Na escola novamente o corpo foi domesticado. O espaço de liberdade restringiu-se ao intervalo do recreio. O castigo sempre foi

corporal: expulsão da sala de aula (ou seja, retirar o corpo da presença dos colegas), ficar parado de pé num dos cantos da sala, até a pena capital da escola: a exclusão, como é o caso de Alex.

No trato com a sociedade esses adolescentes ora são tratados como pequenos criminosos ou como futuros inimigos da sociedade, ora são tratados como pobres coitadinhos, vítimas da sociedade, merecedores da benemerência pública.

Françoise Dolto tem trabalhado na sua prática analítica com adolescentes muito regredidas. Ela diz que a “imagem inconsciente do corpo” é individual e está ligada à história pessoal, a “uma relação libidinal marcada por sensações eletivas, como síntese viva das experiências inter-humanas”. Esta imagem inconsciente do corpo “refere o sujeito do desejo a seu gozo, mediatizado pela linguagem memorizada da comunicação intersubjetiva”. Revivida no dia-a-dia do gozo frustrado, reprimido ou proibido<sup>32</sup>.

Partindo de sua experiência com mulheres de uma favela em Belo Horizonte, o psicólogo William Pereira afirma:

Considerando que este corpo biológico, histórico e cultural foi criado para gerar prazer e satisfação psíquica, e que ele apenas encontra condições objetivas e subjetivas desfavoráveis, só resta-lhe um caminho para escoar estas energias, pulsões, representações: fazer o caminho de volta. Ou seja, cabe-lhe investir no próprio corpo em forma de sintoma, de forma fechada e ditatorial, preso ao seu próprio Ego Narcísico. A vicissitude dessa energia é oposta a esse destino cruel: caminhar livremente para fora em direção ao outro. Portanto, esse sintoma denuncia muita coisa. (...) principalmente a identidade com a estrutura social, política e cultural.<sup>33</sup>

A educação cristã na sua prática corriqueira não se depara com corpos falantes de marginalizados. Só recentemente, na América Latina, a educação cristã busca por esta gente, por estes educandos: os excluídos, as pessoas desculturadas e despersonalizadas, os corpos feridos... A tradição bíblica conhece e se nutre dos desejos de tais pessoas, mas a educação cristã — posterior — precisa elaborar novos paradigmas para repensar sua nova prática. Neste capítulo pretendi apontar um elemento da psicanálise que, em minha visão, pode agregar algo de novidade paradigmática: a imagem inconsciente do corpo, ou o corpo fragmentado.

## Conclusão

Sempre que relato a experiência da Oficina do Pão, surge uma pergunta: a gente lê a Bíblia ou algo semelhante nos momentos em que o pão cresce? Isto nunca aconteceu. A Oficina do Pão é uma atividade eclesial e um serviço público. Como se trata de uma prestação de serviço público, utilizá-lo para outros fins, no caso a evangelização, caracterizaria um desvio da atitude ética pública da Igreja. Ler a Bíblia, com o objetivo de conquistar pessoas para Cristo ou qualquer

outro objetivo, mesmo que seja só enquanto a massa do pão cresce, é uma forma da entidade eclesial beneficiar-se do que não é seu. Ou seja, neste caso, leríamos e negaríamos a Bíblia ao mesmo tempo. Consciência pública, respeito pelo patrimônio público, gestão responsável e eficaz dos bens públicos, reconhecimento e respeito absoluto pelo outro, sem escamotear diferenças, sem sonegar informações, talvez sejam patrimônios do luteranismo tão importantes quanto a tradição de leitura popular da Bíblia.

Como a prática psicanalítica aponta, a aprendizagem acontece pelo desejo perpassado e transpassado pelo meu corpo e pelo desejo e corpo do outro. Por trás da sugestão de fazer um estudo bíblico, com a desculpa da espera pelo crescimento da massa, não existe a ilusão de que se educa um cristão? O ser cristão é uma questão educativa? Se fosse, colégio evangélico seria uma vitrine de santidade cristã.

O ato educativo e o ato de fé do cristão em certos aspectos se contrapõem. Parece haver um paradoxo. Por mais que a educação tenha avançado ou possa avançar, ela tem e terá uma função reguladora e normativa. Ou seja, a educação faz a castração simbólica, na linguagem de Lacan, ou exerce a função da repressão, na linguagem freudiana. Repressão e castração no sentido simbólico: impõem uma fala, uma escrita, um código de educação, etc. que tornam viável a vida em sociedade, a vida cultural. Sem repressão, para a psicanálise, resta a perversão. No entanto, a repressão não é necessariamente fascista. Há uma repressão que se exerce de forma democrática. Não é outra a função do governo democrático: reprimir os maus e recompensar os bons, para usar uma terminologia medieval de Lutero.

Se a educação está no lado da repressão, o ser cristão — tal como o entendo — está no lado do gozo, no gozo de saber-se possuído pela graça de Deus. Como conciliá-los? O/a educador/a ocupar o lugar do saber/poder e renunciar a este lugar é renunciar àquilo que constitui o fundamento da educação. O ser cristão luterano é esvaziar-se de um lugar supostamente justo e colocar-se sob o gozo de saber-se justificado pela fé somente. Portanto, esta contradição é estrutural e constituinte da realidade e do próprio ser desejante de tal educação cristã.

Na atualidade pastoral a educação cristã, talvez por tais contradições, tem muito mais uma cara de educação do que de cristã. Além disso, na realidade educa-se muito mais pelo que se é e não pelo que se idealiza. Os/as educadores/as atuantes nas comunidades estão se profissionalizando como educadores/as e diminui o espaço dos/das “idealistas” leigos/as que se lançam a educar mais pelo amor do que por qualificação pedagógica, quase sempre inexistente. Vale aqui a brincadeira do grande Guimarães Rosa: “Mestre não é aquele que ensina, mas aquele que, de repente, aprende.”

Vivemos numa cultura das aparências em que muito do que se diz e se faz é para “fazer até boi dormir”, quanto mais uma criança. Onde a idolatria da aparência e da exterioridade domina, como manter o lugar de quem tem um saber

a transmitir? Como transmitir<sup>34</sup>? Como transmitir esse saber sem subjugar o aluno ao desejo do professor? Esta é verdadeiramente uma arte. Para Freud, é o amor que constitui a possibilidade de haver transferência entre sujeitos, portanto o amor pelo educando vale tanto ou mais que a capacitação técnica do educador. Essa questão é ainda mais ressaltada na educação cristã, onde só há um Mestre. Todos são alunos e carecem da graça de Deus.

Na Oficina do Pão pretendemos propiciar um clima de confiança para que se possa vivenciar, de fato, primeiro uma experiência pública, pois estamos num espaço que é público e constituído pela cidadania democrática da cidade. Segundo, estamos num espaço comunitário, marcado pela experiência cristã, distinto mas interno àquele. A possibilidade da articulação da palavra no lugar do sintoma permite que cada integrante da Oficina conheça melhor a si mesmo e as suas potencialidades e suas limitações. Este espaço público e cristão demarca um lugar de escuta que, quando pergunta, pergunta para ouvir e não para cobrar.

O que se busca é o surgimento do sujeito desejante, condição tanto para a cidadania do mundo quanto para a cidadania no Reino de Deus. Esta busca se dá dentro da sociedade que gera um sujeito paciente, passivo, necessitado, vazio, carente, sem desejo. É mais dejetivo que desejo. O que se busca é a emergência de um sujeito que possa se interrogar sobre o que quer, traçar projetos possíveis e lutar por eles.

## Bibliografia

- CANTON, Kátia. O Estranho do Ninho; Entrevista. *IstoÉ*, nº 1225, 24.3.1993, p. 5-7.
- CARVALHO, Marco Antonio Cândido. Pedagogia de Rua; Princípios Extraídos de uma Análise da Prática. In: GROSSI, Esther Pillar & BORDIN, Jussara, orgs. *Construtivismo Pós-Piagetiano*; um Novo Paradigma sobre Aprendizagem. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1993. p. 103-123.
- FLECK, Lenira Balbueno. É Freud Anti-Pedagogo? *Cadernos de Estudos Especializados*. Porto Alegre, UFRGS, nº 2, out. 1994.
- FERLA, Alcindo Antônio. *O NEP e Suas Ações na Área da Criança e do Adolescente*. Universidade do Rio Grande do Sul, NEP — Núcleo de Estudos, Pesquisas e Assessoria em Educação Popular, Porto Alegre, 28 jul. 1995. (mimeografado).
- JERUSALINSKY, Alfredo. Apesar de Você Amanhã Há de Ser Outro Dia. In: *Educa-se uma Criança?* Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994. p. 13-23.
- LA ROCCA, Cesare de Florio. O Resgate do Desejo. *Revista do GEEMPA*, Porto Alegre, Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação, nº 2, nov. 1993, p. 19-25.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 8. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- LEDOUX, M. H. *Introdução à Obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991. (Transmissão da Psicanálise, 20).
- LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: —. *Obras Seleccionadas*; Volume 4: Debates e Controvérsias, II. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1993. p. 11-216.

- PAULY, Evaldo Luis. *Cidadania e Pastoral Urbana*. São Leopoldo, Sinodal/IEPG, 1995. (Teses e Dissertações, 4).
- PEREIRA, W. C. C. *O Adoecer Psíquico do Subproletariado*. Belo Horizonte, SEGRAC, 1990.
- STEIN, Ernildo. A Aprendizagem entre a Inteligência e o Desejo. *Revista do GEEMPA*, Porto Alegre, Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação, nº 2, nov. 1993, p. 37-43.
- STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas; Aproximações com a Teologia*. 2. ed. Petrópolis, Vozes; São Leopoldo, CELADEC, 1994.
- TRINDADE, Hélijo; CANTO, Odilon M. do; BORGES, Antonio C.; HARTMANN, Carlos Rodolfo. As Universidades Federais e o Futuro do Rio Grande. *Zero Hora*, Porto Alegre, 14.11.1995, p. 19.

## Notas

- 1 Hélijo TRINDADE; Odilon M. do CANTO; Antonio C. BORGES; Carlos Rodolfo HARTMANN, As Universidades Federais e o Futuro do Rio Grande.
- 2 Liane FACCIO, Ex-Diretor de Colégio É Indiciado por Estelionato; Hildo Fuchs Têria Desviado do Pastor Dohms mais de US\$ 83 Mil, *Zero Hora*, Porto Alegre, 15.11.1995, p. 42.
- 3 Veja Alcindo A. FERLA, *O NEP e Suas Ações na Área da Criança e do Adolescente*.
- 4 Conforme as atas do Conselho Diretor da CEPA, entre os anos de 1991 e 1992.
- 5 O jornal *Zero Hora*, de 13.11.95, p. 47, apresenta dados sobre evasão e repetência no RS. Indica que anualmente evadem-se da escola 96 mil jovens e 204 mil são reprovados, apenas na rede estadual! No entanto, a mesma *Zero Hora* já havia publicado uma declaração da secretária de Educação, Prof. Iára Wortmann: “Em 1994, a reprovação e a evasão atingiram 250 mil alunos da rede estadual”. Artigo de Solano NASCIMENTO, *Lei Muda Estrutura do Ensino Público*, p. 52.
- 6 Marco A. C. CARVALHO, *Pedagogia de Rua*, p. 103-104.
- 7 O garoto que falou desse sonho veio até a Oficina por decisão judicial, pois fora apanhado por assalto à mão armada. O juiz da infância e juventude ofereceu-lhe a Oficina do Pão, quando o garoto estava se preparando para encarar a barra da FEBEM. Esse garoto identificou-se com a Justiça e com esse juiz.
- 8 Sobre o Grupo Axé veja-se a entrevista feita pela jornalista Kátia Canton com La Rocca.
- 9 Cesare de Florio LA ROCCA, *O Resgate do Desejo*, p. 22.
- 10 Danilo R. STRECK, *Correntes Pedagógicas*, p. 33.
- 11 Neste sentido é que Paulo formula a sua compreensão da oração: “(...) não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26).
- 12 Pv 13.19.
- 13 Sl 10.17-18.
- 14 Evaldo L. PAULY, *Cidadania e Pastoral Urbana*, p. 143-150. O autor faz uma relação entre a psicanálise e a pastoral, partindo do escrito “Da Vontade Cativa”, de Lutero.
- 15 Martinho LUTERO, *Da Vontade Cativa*, p. 71.
- 16 Nesse mesmo sentido veja Danilo R. STRECK, op. cit., p. 105.
- 17 Na reflexão sobre a subjetividade dos adolescentes de rua, LA ROCCA afirma: “Qual é a frase mais comum que os meninos e meninas de rua repetem? Eu não tenho nada a perder. Todos sabem o que significa isto no imaginário, no universo e na cotidianidade dessa criança. A idéia da morte é mais forte que a realidade da vida. Todas elas pensam isso e vivem e se desenvolvem não sob o signo da vida, mas sob o signo da morte. O grande desafio do educador é estimular nessa criança novamente a capacidade de desejar.” (Op. cit., p. 22.)

- 18 Em minha pesquisa de preparação para a dissertação de mestrado tenho consultado a Biblioteca da EST, as Bibliotecas Setoriais de Psicologia, Educação e Filosofia da FURGRS, a Biblioteca Pública do RS e até agora esta constatação persiste.
- 19 Lenira B. FLECK, *É Freud Anti-Pedagogo?*, p. 16.
- 20 Danilo R. STRECK, *op. cit.*, p. 111: “A linguagem, por seu turno, tem sua origem na incompletude humana. Ela nasce da ausência, da saudade, enfim, daquilo que falta ao corpo.”
- 21 Alfredo JERUSALINSKY, *Apesar de Você Amanhã Há de Ser Outro Dia*, p. 13.
- 22 J. LAPLANCHE, & J.-B. PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*, verbete desejo, p. 158-160.
- 23 ID., *ibid.*, p. 160.
- 24 Danilo R. STRECK, *op. cit.*, p. 41. A historicidade da fala do sujeito não é uma contribuição específica de Paulo Freire à pedagogia. Na própria pedagogia moderna, Suchodolski, conforme D. Streck, vê que a “essência [sc. da educação] (...) é captada no processo histórico. A educação não está nem acima nem sob este processo, mas dentro dele, com suas limitações e possibilidades” (p. 70).
- 25 Emílio STEIN, *A Aprendizagem entre a Inteligência e o Desejo*, p. 40: “(...) a psicanálise pretende sugerir caminhos para retomar o fio da história, de tal maneira que não se criem histórias que sejam interrompidas por uma dispersão insuportável. Assim, as construções que faremos no que diz respeito ao ensino-aprendizagem não são definitivas, terão que passar, em muitos casos, por uma construção às avessas, uma desconstrução”.
- 26 Uma suspeita para uma reflexão mais aprofundada pode aqui ser levantada: a teoria freudiana da compulsão à repetição poderia ser pensada no contexto da teologia luterana da simultaneidade de pensar a pessoa como justa e pecadora ao mesmo tempo. Considerar que o batismo é necessário a cada novo dia, visto o permanente estado de pecado em que a pessoa, justificada pela fé, pensa estar?
- 27 A fé cristã é criacionista, afirma que Deus criou as pessoas, sendo estas imagens da divindade. Portanto, qualquer atentado contra as pessoas e as suas imagens é um atentado contra Deus.
- 28 Esta arbitrariedade é semelhante à noção de pecado no relato mítico da tentação de Adão e Eva. Eles, pessoas humanas, parcialidades, desejam ser iguais a Deus, a totalidade da qual as parcialidades são apenas imagem. Nessa tentativa impossível pecam e, tragicamente, são lançados para diante de suas fragilidades humanas.
- 29 M. H. LEDOUX, *Introdução à Obra de Françoise Dolto*, p. 91.
- 30 No sentido diferente da repressão que, conforme a psicanálise, torna viável a vida em sociedade humana. Quem não passa pela repressão, quem não é submetido à castração simbólica acaba criando uma perversão.
- 31 Danilo R. STRECK, *op. cit.*, p. 97: “Piaget também não descarta a importância da afetividade, que para ele é o motor do processo de conhecimento.”
- 32 M. H. LEDOUX, *op. cit.*, p. 85.
- 33 W. C. C. PEREIRA, *O Adoecer Psíquico do Subproletariado*, p. 83.
- 34 Seria um desafio para a dissertação de mestrado refletir sobre a transmissão no ensino cristão com o “amor de transferência” proposto por Freud.

Lodi Uptmoor Pauly  
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS